

MANUAL DE DISCERNIMENTO:
CONHECER, DECIDIR, COLHER
COM O PAPA FRANCISCO

Capa

Francisca Cardoso Girão e Carolina Berlim

Revisão e edição

Ponto SJ

Paginação

Carolina Berlim

Impressão e acabamentos

Progresso e Vida - Empresa Tipográfica
e Jornalística, Lda.

Depósito Legal

558971/26

ISBN

978-989-36701-0-1

Fevereiro de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

Editorial Frente e Verso

Rua S. Barnabé, 32

4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livros@rmop.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria

MANUAL

DE
DISCERNIMENTO

ÍNDICE

Apresentação 9

Prefácio

Pedro Filipe Silva 10

«Aqui a água foi bem agitada»

Papa Francisco em conversa com os Jesuítas em Portugal 14

I CONHECER /// 30

#1 A “Paixão” de Francisco

P. Carlos Carneiro, sj 32

#2 O poliedro de Francisco

P. Luís Maria da Providência, sj 55

#3 O primado da realidade

P. José Frazão Correia, sj 60

#4 Um vazio que nos congrega

P. José Maria Brito, sj 65

#5 O Pontificado do Papa Francisco em dez documentos

P. António Ary, sj 70

II DECIDIR /// 76

#1 Quando a mera tolerância não basta.

“Dignitatis humanae” no pontificado de Francisco

P. Andreas Lind, sj 78

#2 O sonho da floresta amazónica e a insónia

da floresta curial

Andrea Grillo 83

#3 Re-parar, reparar e reparar: três transformações

da economia de Francisco

Ricardo Zózimo 90

| | |
|--|-----|
| #4 Uma década de transformação a partir da raiz | 93 |
| Rita Sacramento Monteiro | |
| #5 Fratelli Tutti é um dos textos mais importantes deste século | 97 |
| Pedro Góis | |
| #6 Dez anos da encíclica Laudato Si' - quatro veios de sentido | 101 |
| Margarida Alvim, Rita Sacramento Monteiro Susana Réfega | |
| #7 Oito anos de Pontificado em nove viagens e uma "visita" ao espaço | 111 |
| Abel Coelho de Morais | |
| III COLHER // 116 | |
| #1 Chamados à conversão na mudança de época | 118 |
| Austen Ivereigh..... | |
| #2 Um par de sapatos e a história de um pontificado | 130 |
| P. Tiago Freitas | |
| #3 Evangelizar a nossa atitude diante do tempo | 133 |
| P. Miguel Pedro Melo, sj | |
| #4 O legado político do Papa Francisco | 137 |
| P. Franciso Mota, sj | |
| #5 Papa Francisco e o seu legado: traços profundos da espiritualidade inaciana | 141 |
| P. Vasco Pinto Magalhães, sj | |
| #6 Francisco, padroeiro dos migrantes | 145 |
| Mariana de Mariz Rozeira | |
| #7 "Ecclesia semper reformanda": Com que linha se há-de coser o próximo pontificado | 149 |
| P. João Manuel Silva, sj, Sónia Monteiro | |
| #8 Obrigado, Senhor, pelo Papa | 160 |
| Vasco Lucas Pires, sj..... | |
| Conclusão | |
| Obrigado, Papa Francisco! | 166 |

Manual de discernimento: um livro que é também um processo

Diz o dicionário que discernimento é a capacidade de avaliar e julgar. Mas à luz da espiritualidade de Santo Inácio, fundador dos jesuítas e mestre sábio em interioridade, discernir é muito mais do que isso. É reconhecer que Deus habita o mundo e, olhando a própria vida, encontrar forma de ajustar o caminho pessoal à Sua vontade. Um processo que implica conhecer Deus e conhecer-se a si próprio, ponderar caminhos e tomar decisões, e comprometer-se.

Francisco, o primeiro papa jesuíta da História e um profundo conhedor da espiritualidade inaciana, foi buscar aos Exercícios Espirituais – modelo criado por Inácio – o método para governar. Primeiro a sua vida interior, depois a missão como pastor, nos últimos 12 anos a Igreja Universal.

É sobre isto que fala este livro. Pela voz dos autores – jesuítas, leigos de espiritualidade inaciana e simpatizantes das causas de Francisco – que escreveram artigos de opinião no Ponto SJ, ao longo dos últimos anos, descobrimos como a vida de Jorge Mario Bergoglio foi moldada

por esta chave de leitura: conhecer, decidir, colher.

Por isso, mais do que a seleção dos melhores artigos publicados no Ponto SJ sobre Francisco, queremos que seja um manual de discernimento. Para aprender a fazer boas escolhas na vida, aplicando este método de conhecer, decidir e colher. E para, através deste processo, conhecer melhor o Papa que nos deixou há seis meses, compreendendo as suas opções na vida pessoal e da Igreja, e ajudando a integrar o enorme e riquíssimo legado que deixou.

Apesar de continuarmos a ser um projeto digital, no Ponto SJ sentimos falta de dar corpo e matéria à reflexão que aqui se vai fazendo. Com vozes diferentes, em diálogo, dentro e fora da Igreja. Que este possa ser um manual para fazer memória do passado, mas também para nos comprometermos com o presente e continuarmos a sonhar e a construir o futuro.

Ponto SJ

Ainda a atravessar uma espécie de deserto após a morte do Papa Francisco, surge este livro. Uma bússola que convida a discernir, um exercício tão importante quanto belo. É a partir de três pontos cardeais que se parte à (re)descoberta de Francisco: conhecer, decidir e colher. São eles também que acabam por me transportar para momentos da minha vida pessoal e profissional em que fui tocado pelo seu pontificado.

Naquele 13 de março de 2013, a Igreja viu chegar o novo líder vindo do fim do mundo. A acompanhar atentamente na televisão, conheci Francisco. Na varanda da Basílica de São Pedro, diante dos milhares de fiéis, pediu a bênção, antes de a conceder. O silêncio daquele inédito momento foi apenas o prelúdio de um pontificado de mudança.

Nesse mesmo ano, quatro meses depois, estava junto a Francisco, assim como milhões de jovens, no Rio de Janeiro. Na JMJ 2013 vimos o Papa pela primeira vez a quebrar barreiras. Recordo-me quando o papamóvel parou no meio da multidão para Francisco beber mate, uma bebida popular da sua terra natal, Argentina, oferecida por um jovem. Entre tantas memórias, guardo as palavras que deixou na homilia da Missa de Envio, centradas na preocupação com as periferias. É por isso curioso ver a composição do Colé-

gio Cardinalício ao fim de 12 anos de pontificado. A Europa perdeu peso, em contracírculo com Ásia e África. O olhar da Igreja tornou-se mais global e periférico. Os mais esquecidos ganharam destaque. Francisco instituiu, em 2016, o Dia Mundial dos Pobres. O tema dos abusos sexuais foi colocado na agenda. As vítimas tornaram-se a prioridade e o perdão uma urgência. O papel da mulher na Igreja ocupou o centro do debate. O Papa defendeu desde cedo que esse papel não era de servidão. Sublinhou que “a Igreja é mulher” e “um dos grandes pecados é masculinizar-la.” Para concretizar estas palavras nomeou pela primeira vez uma mulher para liderar um dos dicastérios da Cúria Romana.

O Sínodo dos Bispos foi também palco dessa mudança com a nomeação inédita de uma mulher para subsecretária. Foi, e continua a ser, grande a expectativa em torno dos resultados práticos desse Sínodo sobre a sinodalidade, uma expressão que carrega um desafio para um jornalista que tem de a desconstruir e simplificar. Acompanhei de perto, em Roma, o arranque da Assembleia Geral Ordinária, em 2023. Francisco criou uma nova dinâmica, obrigou a Igreja a parar para refletir e sobretudo agir. Para o Papa não se tratava de um show televisivo, nem tão pouco de um parlamento para reclamar direitos.

Francisco queria mesmo uma Igreja para todos, todos, todos. Uma palavra, repetida três vezes, que ganhou uma nova dimensão em Lisboa. A Jornada Mundial da Juventude 2023 foi para mim um dos maiores desafios profissionais. Acompanhei com muito trabalho e emoção os meses que antecederam o evento e aqueles dias que deram outra vida à capital portuguesa. Recordo a imagem e o som da alegria dos jovens que sonharam com aquele momento, o entusiasmo de tantos colegas, contagiados pelo ambiente, a profundidade dos eventos centrais e as palavras que Francisco partilhou. Destaco uma frase do discurso na visita à Sede das Scholas Occurrentes de Cascais: "Uma vida sem crise é como a água destilada, não sabe a nada. As crises devem ser aceites, devem ser assumidas e resolvidas. E raramente sozinhos."

Na pandemia Francisco corporizou este mesmo princípio. A 27 de março de 2020 na Praça de São Pedro, vazia, surge um homem, solitário, vestido de branco, a transportar na sua oração o sofrimento de tantos. "Ninguém se salva sozinho". Estas palavras ecoaram no silêncio daquela praça. Um silêncio semelhante ao que vivi nos dias que acompanhei, em Roma, o internamento do Papa. A incerteza era grande a cada dia que passava e a expectativa do seu regresso

ao Vaticano crescente, com os sinais de melhoria que apresentava. A sala de imprensa da Santa Sé geria com cuidado a informação médica. Na Igreja de Santo António dos Portugueses, depois da missa que assinalou os 12 anos do Pontificado de Francisco, questionado sobre a ausência de uma voz guia na Igreja, D. José Tolentino de Mendonça dizia que "o Papa não se fazia ouvir por palavras, mas pela presença" e acrescentava que a "doença de um pai é uma ocasião para fortalecer a família." A "família" testemunhou a sua saída do hospital e conseguiu, quando menos se esperava, despedir-se no dia de Páscoa, em plena Praça de S. Pedro. Francisco terminou o pontificado como começou: a rezar com o povo e o povo a rezar por ele.

A bússola que nos é dada com este livro traz consigo um olhar único e diverso do que foi e é Francisco. A mesma diversidade e universalidade que este Papa tanto sonhou para a Igreja.

Pedro Filipe Silva
Jornalista da TVI/CNN Portugal





«Aqui a água foi bem agitada»

Papa Francisco em conversa
com os jesuítas em Portugal

5 agosto 2023
Colégio São João de Brito, Lisboa

Conversa publicada em simultâneo com a revista italiana *La Civiltà Cattolica**
Antonio Spadaro S.J. «Qui l'acqua è stata smossa per bene» *Francesco in
conversazione con i gesuiti in Portogallo*, *La Civiltà Cattolica* 2023 III, 345-359.

No dia 5 de agosto de 2023, durante a sua viagem apostólica a Portugal para a Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco encontrou-se às 17 horas com os jesuítas no Colégio de São João de Brito, uma escola da Companhia de Jesus. Depois do primeiro acolhimento, o Provincial, P. Miguel Almeida, saudou o Papa: «*Santo Padre, querido Papa Francisco, antes de mais agradecemos do fundo do coração por ter arranjado tempo, numa agenda tão preenchida e intensa, para estar connosco. Agradecemos do fundo do coração o facto de o passar com os seus irmãos, sentimo-nos verdadeiramente seus irmãos.*». Em seguida, fez uma breve apresentação da Província. «*Históricamente – disse – somos uma Província antiga, fomos expulsos de Portugal três vezes e regressámos outras tantas. Dizem que a erva daninha é difícil de eliminar, pois bem, nós ainda cá estamos... Talvez por causa destas expulsões, por sermos uma Província sem dinheiro, mas também por causa do nosso carácter missionário historicamente forte, parece-me que duas características em particular fazem parte da identidade da Província: em primeiro lugar a criatividade, talvez porque tivemos de nos adaptar tantas vezes. E, em segundo lugar, a proximidade. As nossas obras são informais, pequenas, mas sempre próximas das pessoas. Penso que esta proximidade é uma característica do nosso trabalho pastoral, e consideramos*

isso uma grande graça. Somos pouco mais de 130 companheiros. Há 18 que ainda não foram ordenados e outros tantos que ainda não fizeram os seus últimos votos. Há quase 40 em formação. No contexto europeu, podemos dar graças a Deus, estamos-lhe verdadeiramente gratos.». De seguida, apresentou as obras da Província Portuguesa: educação, pastoral universitária, paróquias, ação social e trabalho com o mundo da cultura. Depois relatou como a comunidade iaciana e tantos amigos, colaboradores e benfeiteiros partilham a missão e são uma graça para a Província.

Finalmente, falou dos jesuítas e das comunidades: há um bom ambiente, mas «*por outro lado, é verdade que algumas relações entre nós têm sido tensas. Tivemos algumas crises que causaram feridas profundas em alguns de nós. É por isso que lhe peço que reze por nós, porque estamos num processo de perdão e reconciliação, e não é fácil, somos todos humanos.*». O Papa respondeu: Obrigada por tudo. Mas especialmente pela última coisa que disseste: «*Sim, também há problemas aqui*», por isso deu-lhe um toque de realidade, caso contrário teria sido uma descrição de um museu, onde tudo está no lugar e exposto na vitrina. Agradeço-te por isso, pelo realismo. Obrigado por estarem aqui, estou pronto para dialogar convosco. Façam-me perguntas! Perguntem o que quiserem. Não tenham medo

de ser imprudentes nas perguntas. Imprudente, quando muito, serei eu a responder o que penso! A sério, vamos ter um diálogo fraterno e aberto.

Seguiram-se perguntas espontâneas.

Olá, Santo Padre, chamo-me Vasco, estudo Filosofia, sou o mais novo da Província, e por isso pediram-me para falar primeiro: os últimos serão os primeiros... Gostaria de lhe fazer uma pergunta. Perante os desafios da nossa geração, olhando para a nossa sociedade sexualizada, consumista..., na sua experiência como jesuíta, acha que a nossa formação está estruturada para enfrentar estes desafios? E como podemos cuidar melhor da nossa formação como jesuítas a nível afetivo, sexual, corporal?

Na verdade, estás a fazer duas perguntas, não estás? De facto, uma afirmação e uma pergunta. Vive-mos numa sociedade «mundana», o que me preocupa muito. Preocupa-me quando o mundanismo¹ se introduz na vida consagrada. Ainda hoje foi tornada pública uma carta que escrevi aos padres de Roma sobre o clericalismo, que é uma forma de mundanismo. Vejam que o mundanismo espiritual é uma armadilha muito recorrente. É preciso aprender a distinguir: uma coisa é preparar-se para o diálogo com

o mundo – como vocês fazem com o diálogo com o mundo da arte e da cultura – e outra coisa é comprometer-se com as coisas do mundo, com a mundanidade.

Fiquei muito impressionado ao ler a conclusão de um livro do Padre de Lubac: ele dedica as últimas quatro páginas da *Meditação sobre a Igreja* – são apenas quatro páginas, leiam-nas – à mundanidade espiritual. Vós, que fazeis discernimento, já vos interrogastes sobre a vossa mundanidade espiritual pessoal? Serei eu espiritualmente mundano? É uma pergunta que vos deixo. E sabeis o que diz de Lubac? Diz que este é o pior mal que pode penetrar na Igreja, pior ainda do que na época dos papas «libertinos».

Mas atenção: é preciso dialogar com o mundo, porque não se pode viver em conserva. Não podem ser religiosos introvertidos, a sorrir para dentro, a falar para dentro, protegendo o vosso ambiente sem convocar ninguém. Portanto, é preciso sair para este mundo, com os valores e os desvalores que ele tem. E salientaste um pouco o problema da vida fácil, da vida burguesa, até «erotizada», como disseste, e é verdade...

No ano passado fiz um discurso – ou melhor, disse duas ou três palavras, e depois fizeram perguntas –

[1] Carta do Santo Padre Francisco aos Sacerdotes da Diocese de Roma.

a todos os padres que trabalham na Cúria. A maior parte deles são jovens. E a certa altura disse-lhes: «Aqui está uma coisa que vocês não dizem, que é a utilização dos telemóveis e a pornografia nos telemóveis. Quantos de vós veem pornografia no vosso telemóvel?». Depois de eu ter dito isto, disseram-me que um deles comentou: «Vê-se que ele passou horas no confessionário».

Quando eu era noviço, costumavam falar-nos da castidade, da santa castidade. Pediam-nos para não olharmos para fotografias um pouco audazes..., quer dizer, eram outros tempos. Tempos em que os problemas não eram tão graves e em que até estavam escondidos. Hoje, graças a Deus, a porta está escancarada e não há razão para os problemas ficarem escondidos. Se escondem os vossos problemas, é porque assim o querem fazer, mas a culpa não é da sociedade, nem tão-pouco da vossa comunidade religiosa. Este é um dos méritos atuais da Companhia: não esconde os problemas, fala-se deles, tanto com o superior como entre vós.

Hoje em dia, o problema grave diz respeito aos refúgios ocultos da procura de si mesmo, que muitas vezes têm que ver com a sexualidade, mas também com outras coisas. O que fazer? Encontro ajuda no exame de consciência, como pedia Santo Inácio. Santo Inácio dispensava-o muito rara-

mente. Dispensava-te da oração se estivesses doente, se não pudesses, mas não te dispensava do exame, porque serve para ver o que se passa dentro de ti. E há pessoas consagradas que têm o coração exposto aos quatro ventos, com as janelas abertas, com as portas abertas. Em suma, não têm consistência interna.

Ao que me perguntas, eu respondendo: «Faz uma pergunta a ti próprio: que espírito me move? Qual é o espírito que habitualmente me move, e qual é o que me move hoje ou me moveu naquele dia?»

Não tenho medo da sociedade sexualizada, não; tenho medo da forma como nos relacionamos com ela, isso sim. Tenho medo dos critérios mundanos. Prefiro usar o termo «mundano», em vez de «sexualizado», porque o termo engloba tudo. Por exemplo, a ânsia de se promover. A vontade de se destacar ou, como dizemos na Argentina, de «trepar». E pensar que aqueles que treparam acabam por se magoar a si próprios.

A minha avó, que era uma velha sábia, disse-nos um dia: «Na vida é preciso progredir», comprar um terreno, tijolos, uma casa... Palavras claras, vinham da experiência de uma emigrante, o meu pai também era emigrante. «Mas não confundam progredir», acrescenta a avó, «com trepar. De facto, quem trepa, trepa, trepa, e em vez de ter uma casa, montar um negócio, trabalhar

ou conseguir um cargo, quando está no topo a única coisa que mostra é o traseiro». Isto é sabedoria.

Boa tarde, Santidade, muito obrigado mais uma vez. O meu nome é Lourenço e trabalho com crianças e jovens num bairro pobre dos arredores de Lisboa. Falou-nos muitas vezes da importância da proximidade e da amizade com os pobres e os migrantes. Gostaria de lhe perguntar o que nós, jesuítas, podemos fazer, pessoalmente e nas nossas comunidades, para que o nosso modo de vida e o nosso testemunho sejam cada vez mais um sinal profético, para que tenhamos um maior impacto na vida dos mais pobres. Muito obrigado.

O trabalho com os pobres, que está implícito na Fórmula Inaciana, na Companhia seguiu vários caminhos, várias pistas; houve também alguns desvios, mas foi uma procura muito intensa, sobretudo no último século.

Lembro-me que na Argentina – quando eu era estudante – um dos padres foi viver para uma

*villa miseria*², e olhavam-no um pouco de lado, um pouco como o Padre Llanos em Madrid³. Era considerado um louco. Já não é assim. Hoje vemos que a própria espiritualidade nos leva nessa direção, para um compromisso com os que estão à margem: não só à margem da religião, mas também à margem da vida.

Depois, no tempo do Padre Janssens⁴, nasceram os centros de investigação e de ação social, que abriram na altura um belo caminho de reflexão, e finalmente veio a «inserção» direta, a escolha de viver com os pobres. É por isso que mencionei aquele padre, um dos que tiveram a coragem de se inserir. Hoje, a inserção entre os pobres ajuda-nos, evangeliza-nos. Santo Inácio obriga-nos a fazer um voto, o de não mudar a pobreza na Companhia, exceto para a tornar mais apertada. Há nisto uma intuição, um espírito de pobreza que creio que todos devemos ter.

Em suma, o que é que há na espiritualidade inaciana? Sim, há a opção pelos pobres e o acompanhamento dos pobres. Mas será

[2] Na Argentina, às zonas de habitação informal constituídas por barracas e casas muito pobres chamam-se “villa miseria”. O seu nome deriva do romance de Bernardo Verbitsky, *Villa Misericordia* (1957), que descreve as terríveis condições de vida dos migrantes internos.

[3] P. José María de Llanos, conhecido como «Padre Llanos, sj» (Madrid, 26 de abril de 1906 – Alcalá de Henares, 10 de fevereiro de 1992), foi um jesuíta espanhol, o mais conhecido dos chamados «padres operários» em Espanha.

[4] O P. Jean-Baptiste Janssens, SJ foi um jesuíta belga, e o 27.º Superior-Geral da Companhia entre 1946 a 1964.

talvez a única forma de alcançar a justiça social? Não é a única. Há mil maneiras de abordar os problemas sociais. A inserção tem provavelmente uma autenticidade maravilhosa, porque significa partilha. E permite-nos conhecer e seguir a sabedoria popular.

Deixem que vos conte uma coisa. Quando era arcebispo, gostava de ir à *villa miseria*. Um dia fui lá, o Papa João Paulo II estava muito doente. Apanhei o autocarro para uma das *villas* e, quando cheguei, disseram-me que o Papa tinha morrido. Celebrei a missa com as pessoas e depois parámos para conversar. Uma senhora idosa perguntou-me: «Pode dizer-me como se elege um Papa?» Eu expliquei... «E tu, podem fazer de ti Papa?» Eu disse: «Podem fazer de qualquer pessoa Papa». Ela respondeu: «O meu conselho é: se o fizerem Papa, compre um cãozinho». «Porquê?», perguntei-lhe. «Primeiro, dê de comer ao cãozinho», respondeu ela. A velhota era pobre, de uma *villa miseria*, mas entendia sobre assuntos de Igreja....

É uma coisa interessante. Os pobres têm uma sabedoria especial, a sabedoria do trabalho, e também a sabedoria de assumir com dignidade o trabalho e a sua condição. Quando os pobres se «enfurecem» por não poderem suportar a sua situação – o que é compreensível – então pode instalar-se o ressentimento e o ódio. Também esta é a nossa tarefa: ao acompanhar os pobres, devemos evitar que se dei-

xem dominar, com o objetivo de os ajudar a caminhar, a progredir e a reconhecer a sua dignidade. Há problemas graves nos bairros pobres, que não são mais graves do que aqueles que por vezes existem nas zonas residenciais, só que estes permanecem escondidos.

Há problemas graves, mas há também muita sabedoria, nas pessoas que vivem do seu trabalho, que tiveram de emigrar, que sofrem, e isso vê-se na forma como suportam a doença, como suportam a morte. A pastoral popular é uma riqueza e, por isso, aqueles de vós que são chamados a fazê-la, façam-na de todo o coração, porque é bom para toda a Companhia.

Papa Francisco, gostaria de lhe fazer uma pergunta como seu irmão. Chamo-me Francisco e no ano passado passei um ano sabático nos Estados Unidos. Houve uma coisa que me impressionou muito e que por vezes me fez sofrer. Vi muitos, mesmo bispos, a criticar a sua maneira de conduzir a Igreja. E muitos acusam também os jesuítas, que são normalmente uma espécie de recurso crítico do Papa, de não o serem agora. Até gostariam que os jesuítas o criticassem explicitamente. Tem saudades das críticas que os jesuítas faziam ao Papa, ao Magistério, ao Vaticano?

Verificaste que nos Estados Unidos a situação não é fácil: há uma atitude reacionária muito forte, organizada, que estrutura uma

adesão também afetiva. Quero lembrar a estas pessoas que voltar atrás é inútil e que é preciso compreender que há uma evolução correta na compreensão das questões de fé e de moral, desde que se sigam os três critérios que Vicente de Lérins já indicava no século V: que a doutrina evolui *ut annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur aetate*⁵. Por outras palavras, a doutrina também progride, dilata-se com o tempo, consolida-se e torna-se mais firme, mas sempre progredindo. A mudança desenvolve-se da raiz para cima, crescendo com estes três critérios.

Passemos ao concreto. Hoje é pecado possuir bombas atómicas; a pena de morte é um pecado, não pode ser praticada, e antes não era assim; quanto à escravatura, alguns Papas antes de mim toleravam-na, mas hoje as coisas são diferentes. Portanto, muda-se, muda-se, mas com estes critérios. Gosto de usar a imagem «para cima», ou seja, *ut annis consolide- tur, dilatetur tempore, sublimetur aetate*. Sempre nesse caminho, partindo da raiz, com uma seiva que sobe e sobe, e é por isso que a mudança é necessária.

Vicente de Lérins faz a comparação entre o desenvolvimento biológico do homem e a trans-

missão de uma época a outra do *depositum fidei*, que cresce e se consolida com o passar do tempo. Eis que a compreensão do homem muda com o tempo, assim como a consciência do homem se aprofunda. As outras ciências e a sua evolução ajudam também a Igreja neste crescimento da compreensão. A visão da doutrina da Igreja como um monólito é errada.

Mas há quem se ponha de lado, quem anda para trás, são aquilo a que chamo «retrocedistas». Quando se anda para trás, forma-se algo fechado, desligado das raízes da Igreja e perde-se a seiva da revelação. Se não se muda para cima, retrocede-se, e então assumem-se critérios de mudança diferentes daqueles que a própria fé nos dá para crescer e mudar. E os efeitos sobre a moral são devastadores. Os problemas que os moralistas têm de enfrentar hoje são muito graves e, para os enfrentar, têm de correr o risco de mudar, mas na direção que eu dizia.

Estiveste nos Estados Unidos e dizes ter vivido um clima de fechamento. Sim, sinto que se pode viver esse clima em algumas situações. Mas depois perde-se a verdadeira tradição e recorre-se a ideologias para obter apoio e

[5] NT: «Que sejam consolidados pelos anos, expandidos pelo tempo, exaltados pela idade.»

apoios de todo o tipo. Por outras palavras, a ideologia substitui a fé, a pertença a um sector da Igreja substitui a pertença à Igreja.

Quero prestar homenagem à coragem de Arrupe. Arrupe encontrou uma Companhia que estava, por assim dizer, atolada. O P. General Ledóchowski redigiu o *Epítome*... vocês, jovens, sabem o que é o *Epítome*?⁶ Nem pensar, do *Epítome* não resta nada! Era uma seleção de *Constituições* e Regras, tudo misturado. Mas Ledóchowski, que era muito ordeiro, com a mentalidade da época, disse: «Estou a compilá-lo para que os jesuítas fiquem esclarecidos sobre tudo o que têm de fazer». E enviou a primeira cópia a um abade beneditino de Roma, um grande amigo seu, que lhe respondeu com uma nota: «Com isto, mataste a Companhia».

Por outras palavras, formou-se a Companhia do *Epítome*, a Companhia que eu experimentei no noviciado, embora com grandes mestres, que foram de grande ajuda, mas alguns ensinaram certas coisas que fossilizaram a Companhia. Essa foi a espiritualidade que

Arrupe recebeu, e teve a coragem de a pôr em movimento. Alguma coisa saiu fora de controlo, como é inevitável, como a questão da análise marxista da realidade. Depois teve de esclarecer algumas coisas, mas era um homem que sabia olhar para a frente. E com que instrumentos é que Arrupe enfrentou a realidade? Com os *Exercícios Espirituais*. E em 1969 fundou o *Centro Inaciano de Espiritualidade*. O secretário deste Centro, o P. Luís González Hernández, foi encarregado de percorrer o mundo para dar os Exercícios e abrir este novo panorama.

Vós, os mais jovens, não vistes estas tensões, mas o que dizeis de certos setores nos Estados Unidos faz-me lembrar o que já vivemos com o *Epítome*, que gerou uma mentalidade toda enrijecida e quadrada. Esses grupos americanos de que falas, tão fechados, estão a isolar-se. E em vez de viverem da doutrina, da verdadeira doutrina que sempre se desenvolve e dá fruto, vivem de ideologias. Mas quando se abandona a doutrina na vida para a substituir por uma ideologia, perdeu-se, perdeu-se como na guerra.

[6] Aqui o Papa refere-se a uma espécie de sumário prático em uso na Companhia e reformulado no século XX, que era visto como um substituto das Constituições. A formação da Companhia pelos jesuítas, durante algum tempo, foi moldada por este texto, a tal ponto que alguns nunca leram as Constituições, que são o texto fundador. Para o Papa, durante este período na Companhia, as regras corriam o risco de se sobrepor ao espírito, e a tentação de explicitar o carisma e de o declarar em demasia venceu.

Santo Padre, o senhor é para mim o Papa dos meus sonhos depois do Concílio Vaticano II. O que é que sonha para a Igreja do futuro?

Muitos estão a questionar o Vaticano II sem o nomear. Põem em causa os ensinamentos do Vaticano II. E se olho para o futuro, penso que temos de seguir o Espírito, ver o que ele nos diz, com coragem. Na semana passada, li o documento que faz o ponto da situação da Companhia de Jesus, *De statu Societatis*. Fala do hoje, mas sempre com abertura. Indica a possibilidade de avançar, a necessidade de continuar nesse caminho. Por isso, o meu sonho para o futuro é estarmos abertos ao que o Espírito nos diz, abertos ao discernimento e não ao funcionalismo.

Conheço bem o «testamento» de Arrupe quando, na Tailândia, se dirigiu aos jesuítas que estavam a trabalhar nos centros de refugiados. De que é que ele lhes falou? Sobre a oração. Àquelas pessoas que estavam ocupadas a trabalhar com refugiados, ele falou de oração. Na viagem de regresso, teve um AVC, e esse foi o seu testemunho.

Com a oração, o jesuíta vai em frente, não tem medo de nada, porque sabe que o Senhor lhe inspirará, a seu tempo, o que tem de

fazer. Quando um jesuítा não reza, torna-se um jesuítा seco. Em Portugal poder-se-ia dizer que se tornou «um bacalhau»...

Sua Santidade, muito obrigado por ter vindo aqui. Chamo-me Frederico, e o Provincial nomeou-me recentemente Mestre de Noviços. Falou dos Exercícios. Santo Inácio, no início, descreve-os como um tempo para reordenar a vida, para não se deixar determinar por afetos desordenados. Que afetos desordenados acha que são mais frequentes na Igreja, e especialmente na Companhia?

Hoje foi publicada a carta sobre a mundanidade e o clericalismo. É sobre estes dois pontos que gostaria de chamar a atenção do nosso clero. O clericalismo infiltra-se nos padres, mas é ainda pior quando se infiltra nos leigos. Os leigos clericalizados são assustadores. Respondo com esses dois espíritos, o mundanismo e o clericalismo, que podem fazer muito mal à Companhia.

Que espírito me moveu? Tive um grande mestre espiritual, o P. Fiorito⁷, autor de muitos livros. Foi ele que me deu a conhecer as obras de um diretor espiritual do século XVIII, do Escolasticado de Chantilly, um jesuítा, o P. Claude Judd,

[7] P. Miguel Ángel Fiorito sj, jesuítा, foi o padre espiritual de Francisco. La Civiltà Cattolica publicou os seus escritos em cinco volumes.

a quem devemos um belíssimo texto sobre o discernimento, sobre as «frases que nos motivam», isto é, as palavras que digo a mim mesmo para tomar uma decisão, ou que me guiam por um caminho e não por outro.⁸

Volto ao assunto. A preocupação dos grandes jesuítas quanto ao espírito que se insinua pode ser útil. Sim, hoje és provavelmente guiado pelo bom espírito, e tens de agradecer ao Senhor. Mas amanhã o outro pode infiltrar-se. Não esqueçais a parábola do Evangelho. Quando o espírito mau sai de um homem, este vagueia pelo deserto e aborrece-se. Entretanto, esse homem começa a sua conversão, muda tudo. Passado algum tempo, um dia o espírito diz para si próprio: «Quero ver a casa que tinha antes, vamos ver em que estado está». Ele olha pela janela e não acredita no que vê: tudo em ordem, tudo limpo. Então, vai à procura de sete piores do que ele e, com esses pequenos diabos, com os outros sete demónios, entra na casa. Mas entra educadamente, sem dar nas vistas.

Assim, um exame de consciência sério deve alertar para os demónios que tocam à campainha, que pedem «licença», que não se parecem com nada e que depois to-

mam conta da casa. Jesus conclui que o estado do homem acaba por ser pior do que antes. Por outras palavras, é preciso ter cuidado para não escorregar aos poucos. Há um tango argentino muito bonito que se chama Barranca abajo, «descendo a ravina». Quando uma pessoa começa a deslizar pela ravina, está perdida. Desliza para baixo e, de baixo, somos atraídos. Daí a importância de se fazer um exame de consciência, para que os demónios «educados» não entrem discretamente.

Tantas pessoas – têm-las-eis visto nos Exercícios, pessoas boas, pessoas zelosas – ao fim de algum tempo acabam em desolação, acabam por viver de um modo mundano, de um modo não cristão. Como é que chegaram a isso? Por causa dessa falta de introspeção, de exame de consciência, que é estar alerta para ver se há sete demónios, piores do que o primeiro.

É por isso que recomendo: levem o exame a sério, não o negligenciem e sejam honestos, porque não se trata apenas de pecado – isso fica para a confissão –, porque o exame é uma coisa quotidiana: o que é que se passou hoje no meu coração? Não se deve abandonar esta prática.

[8] Cfr. C. Judde, *Oeuvres spirituelles*, Lyon, Perisses, 1883, II, 313-319.

Caro Santo Padre, sou o Irmão⁹ José, o Irmão mais jovem da Província portuguesa. Tenho 56 anos de idade e 32 de Companhia. A Companhia de Jesus está a atravessar uma grande crise de vocações de Irmãos, em todo o mundo, particularmente na Europa, e obviamente também em Portugal. Neste momento, segundo as estatísticas da Cúria Geral, os irmãos são apenas 5% dos jesuítas da Companhia. Gostaria de lhe perguntar: o que é que acha que a Companhia de Jesus pode fazer, no campo das vocações, para sair desta crise e talvez viver em paz, de modo a ter mais jovens que queiram ser irmãos jesuítas?

No ano passado, o Padre Geral convidou-me para falar num encontro de irmãos de todo o mundo. E eles estavam realmente entusiasmados, não apenas em viver como irmãos, mas também em tornar conhecida esta vocação. Sim, houve um tempo em que havia muitos, muitos irmãos na Companhia.

Quando eu era Provincial, as melhores informações para a ordenação de um escolástico eram-me dadas pelos irmãos ou pelas mulheres que trabalhavam na casa de formação. Lembro-me de um irmão, verdadeiro homem de Deus,

que quase não falava, cumpria os seus deveres, sempre com um sorriso, e rezava muito. Uma vez pedi-lhe que falasse sobre um caso. Ele veio ter comigo e disse-me: «Olhe, não ordene aquele escolástico. Não o mande embora, mas não o ordene, e fique a ver». Seis meses depois, o escolástico em questão deixou a Companhia, porque não tinha suportado não ser ordenado no tempo previsto. Percebeu-se uma vida afetiva muito confusa.

Os Irmãos têm um bom olho, são de alguma maneira a memória da Companhia, a memória quotidiana. Na comunidade de *La Civiltà Cattolica*, morreu recentemente o Irmão Carlo Rizzo. Que idade tinha ele, António? Isso, 97! E aquele santo homem sabia tudo sobre os intelectuais com quem vivia! Servia em silêncio.

Eu diria que para a vocação de irmãos não devemos procurar candidatos – o Senhor se encarregará disso – mas devemos abrir as portas para ver essa possibilidade em tantos jovens.

Santo Padre, eu sou o João, abracei-o em Roma há alguns anos, mas não lhe disse o meu nome porque estava muito emocionado. Trabalho no centro universitário de Coimbra. Quero fazer-lhe uma per-

[9] Os irmãos jesuítas com votos religiosos, e sem receberem a ordenação sacerdotal, consagram as suas vidas para ajudar a missão comum do corpo da Companhia.

gunta difícil. No seu discurso na cerimónia de boas-vindas, na passada quinta-feira, aqui em Lisboa, disse que todos somos chamados como somos e que há lugar para todos na Igreja. Eu faço trabalho pastoral todos os dias com jovens universitários, e entre eles há muitos muito bons, muito comprometidos com a Igreja, com o centro, muito amigos dos jesuítas e que se identificam como homossexuais. Sentem-se parte ativa da Igreja, mas muitas vezes não veem na doutrina a maneira de viver a sua afetividade, e não veem no apelo à castidade de um apelo pessoal ao celibato, mas sim uma imposição. Sendo eles virtuosos noutras áreas da sua vida, e conhecendo a doutrina, podemos dizer que estão todos em erro, porque não sentem, em consciência, que as suas relações são pecaminosas? E como podemos, em termos pastorais, agir para que estas pessoas se sintam, no seu modo de vida, chamadas por Deus a uma vida afetiva sã e que produza frutos? Podemos reconhecer que as suas relações têm potencialidades para se abrirem e darem sementes de verdadeiro amor cristão, como o bem que podem fazer, a resposta que podem dar ao Senhor?

Penso que o apelo dirigido a «todos» não tem discussão. Jesus é muito claro: todos. Os convidados não quiseram vir à festa. Por isso, ele disse para irmos às encruzilhadas e chamar todos, todos, todos. E para que fique claro,

Jesus diz «sãos e doentes», «justos e pecadores», todos, todos, todos. Por outras palavras, a porta está aberta a todos, todos têm o seu espaço na Igreja. Como é que cada um o vive? Ajudamos as pessoas a viver de forma a poderem ocupar esse lugar com maturidade, e isto aplica-se a todo o tipo de pessoas.

Em Roma, conheço um padre que trabalha com rapazes homossexuais. É claro que hoje em dia o tema da homossexualidade é muito forte, e a sensibilidade em relação a ele muda consoante as circunstâncias históricas. Mas o que não me agrada nada, de um modo geral, é que olhemos para o chamado «pecado da carne» com uma lupa, como fizemos durante tanto tempo em relação ao sexto mandamento. Se explorávamos os trabalhadores, se mentíamos ou fazíamos batota, não interessava, mas sim os pecados abaixo da cintura.

Portanto, todos são convidados. É esse o ponto. E a cada um deve ser aplicada a atitude pastoral mais adequada. Não podemos ser superficiais e ingénuos, forçando as pessoas a coisas e comportamentos para os quais ainda não estão maduras, ou não são capazes. Acompanhar espiritualmente e pastoralmente as pessoas exige muita sensibilidade e criatividade. Mas todos, todos, todos são chamados a viver na Igreja: nunca se esqueçam disso.

Aproveito a tua pergunta e quero acrescentar algo mais que diz respeito às pessoas transexuais. Uma freira de Charles de Foucauld, a Irmã Geneviève, que tem 80 anos e é capelã no Circo de Roma com duas outras irmãs, assiste às audiências gerais de quarta-feira. Vivem numa casa ambulante ao lado do Circo. Um dia fui visitá-las. Têm a pequena capela, a cozinha, a zona de dormir, tudo bem organizado. E essa freira também trabalha muito com raparigas transgénero. E um dia ela disse-me: «Posso levá-las à audiência?». «Claro!», respondi-lhe, «porque não?». E vêm sempre grupos de mulheres transgénero. A primeira vez que vieram, estavam a chorar. Perguntei-lhes porquê? Uma delas disse-me: «Não pensei que o Papa me pudesse receber!». Depois, após a primeira surpresa, habituaram-se a vir. Algumas escrevem-me e eu respondo-lhes por correio eletrónico. Todos são convidados! Apercebi-me de que estas pessoas se sentem rejeitadas, e isso é muito duro.

Olá, Santidade, chamo-me Domingos, estou a iniciar a etapa de formação que é o «magistério»¹⁰. Pede-nos sempre que rezemos por si... Poderia partilhar connosco o que mais pesa no seu coração neste momento? O que é que mais

o faz sofrer? Por um lado, o que é que lhe pesa no coração e, por outro lado, que alegrias experimenta neste momento?

A alegria que mais tenho em mente é a preparação do Sínodo, mesmo que por vezes veja, nalgumas partes, que há falhas na forma como é conduzido. A alegria de ver como dos pequenos grupos paroquiais, dos pequenos grupos de igrejas, surgem reflexões muito bonitas e há um grande fermento. É uma alegria.

A este respeito, gostaria de reiterar uma coisa: o Sínodo não é uma invenção minha. Foi Paulo VI, no final do Concílio, que se apercebeu de que a Igreja Católica [latina] tinha perdido a sinodalidade. A oriental mantém-na. Por isso, disse: «É preciso fazer alguma coisa», e criou o Secretariado para o Sínodo dos Bispos. Desde então, os progressos têm sido lentos. Por vezes de forma muito imperfeita. Há algum tempo, em 2001, participei como Presidente Delegado no Sínodo dedicado ao bispo como servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo. Quando estava a preparar as coisas para a votação do que tinha saído dos grupos, o cardeal responsável pelo Sínodo disse-me: «Não, não po-

[10] *Etapa da formação de um jesuíta, que geralmente envolve a realização de uma atividade apostólica entre o estudo da Filosofia e da Teologia.*

nhas isso. Tira isso». Em suma, queriam um Sínodo com censura, uma censura curial que bloqueava as coisas.

Ao longo do caminho houve essas imperfeições. Eram muitas, mas ao mesmo tempo era um caminho que estava a ser percorrido. Quando se completaram 50 anos da criação da Secretaria do Sínodo dos Bispos, assinei um documento¹¹ redigido por teólogos especialistas em teologia sinodal. Se querem ver um bom resultado depois de 50 anos de caminho, olhem para esse documento. E nos últimos 10 anos continuámos a progredir, até chegarmos, penso eu, a uma expressão madura do que é a sinodalidade.

A sinodalidade não tem que ver com a procura de votos, como faria um partido político, não tem que ver com preferências, com a pertença a este ou àquele partido. Num Sínodo, o protagonista é o Espírito Santo. Ele é o protagonista. Por isso, é preciso deixar que o Espírito guie as coisas. Deixem-no exprimir-se como na manhã de Pentecostes. Penso que esse é o caminho mais forte.

Falando de preocupações, obviamente que uma coisa que me preocupa muito, sem dúvida, são

as guerras. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, as guerras são incessantes em todo o mundo. E hoje vemos o que está a acontecer no mundo. Escusado será acrescentar palavras.

Muito obrigado, Santidade, por ter vindo a Lisboa. O meu nome é também Francisco. Vossa Santidade mudou de facto o ambiente desta cidade e deste país, e diria mesmo de todo o mundo cristão. Eu fui um dos três últimos a fazer os últimos votos. Sinto muito a consciência de trabalhar ao seu lado. Por isso pergunto: qual é a nossa missão como Igreja, como Companhia universal e como Província portuguesa? Qual é o nosso papel para colher os frutos desta Jornada Mundial da Juventude? As coisas estão a mudar muito, as pessoas estão muito entusiasmadas: o que devemos fazer para não perder a grande oportunidade que nos deixa?

A Jornada Mundial da Juventude está a envolver muitos jovens em Portugal. É preciso acolher a inquietação dos jovens e ajudá-los a desenvolvê-la, para que essa inquietação não se transforme numa memória do passado. Por outras palavras, a inquietação deve poder desenvolver-se pouco a pouco. A Jornada Mundial da

[11] Discurso do Papa Francisco na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos em 2015.

Juventude é uma sementeira no coração de cada rapaz e rapariga. Por isso, não pode acabar por se tornar a memória de um sentimento do passado. Tem de dar frutos, e isso não é fácil. Peço-vos que continuem, com os jovens que estão presentes, mas também com aqueles que não participaram. Aqui a água foi bem agitada, e o Espírito Santo aproveita para tocar os corações. Cada um destes jovens sai diferente, esta «diversidade» deve ser mantida. E agora é a vossa vez: acompanhem-nos para que se mantenha e cresça. É tempo de lançar as redes, no sentido evangélico da palavra.

Obrigado, Santo Padre, por ter vindo!